

INTERSECCIONALIDADE E “ESCREVIVÊNCIA” EM *PONCIÁ VICÊNCIO*

INTERSECTIONALITY AND “ESCREVIVÊNCIA” IN *PONCIÁ VICÊNCIO*

Marcos Aurélio dos Santos Souza¹
Vanessa Santos Cerqueira²

RESUMO

O presente trabalho reflete por meio da obra *Ponciá Vicêncio* (2003), da autora Conceição Evaristo de que forma a interseccionalidade e a escrevivência estão presentes na narrativa e tece a estética dessa produção literária. Para alicerçar essa discussão, Akotirene (2018), a respeito do conceito de interseccionalidade e Gonzáles (1984) para fundamentar os debates acerca do feminismo negro no Brasil e a interseccionalidade, Maria Nazareth Soares Fonseca (2020), sobre a escrevivência e Neusa Souza (1983), a respeito da ascensão social do negro. Na narrativa, identificamos como a interseccionalidade e a escrevivência se constroem na obra.

Palavras-chave: literatura negro-brasileira, interseccionalidade, escrevivência, Conceição Evaristo.

ABSTRACT

The present work reflects through the work *Ponciá Vicêncio* (2003), by the author Conceição Evaristo how intersectionality and escrevivência are present in the narrative and weaves the aesthetics of this literary production. To ground this discussion, Akotirene (2018), regarding the concept of intersectionality and Gonzáles (1984) to support the debates about black feminism in Brazil and intersectionality, Maria Nazareth Soares Fonseca (2020), about escrevivência and Neusa Souza (1983), regarding black social ascension. In the narrative, we identify how intersectionality and escrevivência are constructed in the work.

Keywords: black-brazilian literature, intersectionality, livelihood, Conceição Evaristo.

Introdução

¹ Doutor em Literatura e Cultura pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Professor Titular da área de Linguagem, do Departamento de Educação e do PPGEI - Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, UNEB, campus I, Salvador. E-mail: Marcosuesb@gmail.com. <http://lattes.cnpq.br/2476381543885778>. <https://orcid.org/0000-0002-8116-0203?lang=en>

² Mestranda com bolsa CAPES em Leitura, Literatura e Cultura pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, UNEB, campus I, Salvador. E-mail: Vanessacerqueira58@gmail.com. <https://orcid.org/0009-0004-1043-3835>. <http://lattes.cnpq.br/0497116196111269>.

Esse trabalho aborda considerações a respeito de duas tecituras muito importantes nas obras de Conceição Evaristo: a interseccionalidade e a escrevivência. Para isso, utilizamos a obra *Ponciá Vicêncio* (2003) como fonte de nossas análises. Desse modo, o artigo está articulado em duas seções. Conceição Evaristo é uma voz insubmissa de sensibilidade e resistência, fazendo ecoar, nas páginas de seus livros, as vozes dos marginalizados. Sua poética negra feminina desperta em seus leitores uma profusão de sentimentos. *Ponciá Vicêncio* é o primeiro romance da escritora. Foi publicado em 2003 pela editora Mazza, em Belo Horizonte.

No romance, a narrativa é construída de forma circular, não-linear, com o tempo intercalado pela narradora em terceira pessoa. As falas dos personagens estão organizadas em discursos indiretos livres. A voz narrativa não participa dos fatos, mas conta o ocorrido e apresenta uma onisciência que passeia pela mente dos personagens. Trata-se de um romance marcado pela ancestralidade que transita entre a memória e o presente. Ponciá sai da sua comunidade quilombola, na Vila Vicêncio, e vai para a cidade em busca de uma mudança na vida. Na cidade, dá-se uma crise identitária e a personagem passa a viver em busca de sua ancestralidade.

É nesse trânsito entre seu lugar de origem e o lugar de chegada que Ponciá se depara com questões recorrentes dos grupos negros: a busca pela identidade, o silenciamento, a subalternização, a opressão masculina, a violência doméstica, o desvario, mas, em dado momento, também, a necessidade do retorno às origens. Portanto, é com uma ótica contemporânea e bastante subjetiva que Conceição Evaristo nos apresenta um problema persistente desde o início da diáspora negra no Brasil, o que nos pareceu um objeto de pesquisa ainda mais interessante por se tratar de uma mulher escritora negra que se torna uma das mais respeitadas de nosso tempo. Vários são, pois, os motivos que justificam a leitura analítica da obra *Ponciá Vicêncio* em nosso trabalho.

Interseccionando gênero, raça e classe na literatura

Sojourner Truth, pioneira do Feminismo Negro, no discurso *Não sou eu mulher?*, proferido em 1851 durante a Convenção dos Direitos das Mulheres de Ohio, em Akron, denunciou a diferença no modo como as mulheres brancas eram tratadas e respeitadas. Truth questionou a categoria de mulher universal denunciando que as

mulheres negras não recebiam os mesmos tratamentos e cuidados reservados às mulheres brancas. “Ninguém nunca me ajudou a subir nas carruagens, nem pular poças de lama [...], eu tive treze filhos e vi a maioria ser vendida para a escravidão”³. Nesses fragmentos, é notória a articulação entre raça, classe e gênero evidenciando, inclusive, que a maternidade não era reservada às mulheres negras, pois seus filhos(as) eram vendidos(as) para a escravização.

Durante a convenção em que as mulheres reivindicavam por direitos sociais e eram ridicularizadas pelos homens presentes no evento, Truth, a única mulher negra a participar da convenção, “sozinha, Sojourner Truth salvou o encontro de mulheres de Akron das zombarias disruptivas promovidas por homens hostis ao evento” (DAVIS, 2016, p.70). Abatendo o argumento masculino a respeito das mulheres como “sexo frágil”, pois evidenciou que as mulheres negras jamais foram vistas dessa forma, além disso, foi a única mulher negra na convenção reivindicando os direitos sociais e pautando a desigualdade de gênero e raça. A contribuição de Sojourner Truth foi histórica e um grande marco para o pensamento feminista negro.

Posteriormente, em seus artigos intitulados “Racismo e sexismo na sociedade brasileira” (1980) e “A mulher negra na sociedade brasileira” (1982), Lélia Gonzales denuncia a dupla opressão contra as mulheres negras em diversos âmbitos da sociedade, Lélia também aponta para o lugar da mulher negra nesse processo de formação cultural do Brasil carregado de inúmeros estereótipos. A intelectual traz o carnaval como palco para o mito da democracia racial. É justamente no momento do rito carnavalesco que o mito é atualizado com toda a sua força simbólica. É, também, nesse instante que a mulher negra se transforma única e exclusivamente na rainha, na “mulata deusa do meu samba”. Hipersexualizada (GONZÁLES, 1984, p. 228).

Para Lélia (1984), a democracia racial exerce sua violência simbólica de maneira especial sobre a mulher negra, visto que os termos mulata e doméstica são atribuições de um mesmo sujeito. A socióloga também reflete sobre a ideia e o termo mucama. Para ela, o engendramento da mulata e da doméstica se fez a partir da figura da mucama, reminiscência do período colonial em que as mulheres negras eram objetos sexuais e mão de obra ao mesmo tempo. Gonzáles (1980, p. 224) salienta que “o lugar em que

³ Texto publicado em 2015 no Portal Geledés.

nos situamos determinará nossa interpretação sobre o duplo fenômeno do racismo e do sexismo”.

Nesse sentido, a articulação entre racismo e sexismo produz violências específicas que atingem particularmente as mulheres negra. “Ora, na medida em que existe uma divisão racial e sexual de trabalho, não é difícil concluir sobre o processo de tríplice discriminação sofrido pela mulher negra (enquanto raça, classe e sexo), assim como sobre seu lugar na força de trabalho” (GONZÁLES, 1982, p. 96). A dupla imagem de mulata e mucama que a mulher negra carrega ainda hoje é um exemplo dessa violência específica. O movimento negro sempre pautou a questão racial, no início, sem se atentar para as questões de gênero.

A partir desse incômodo, Lélia Gonzáles (1980) produziu inúmeros artigos sobre o racismo e sexismo no Brasil e na América Latina, tornando-se, aqui, pioneira do pensamento interseccional. Gonzáles (1980) teceu críticas ao movimento feminista hegemônico e ao movimento negro, apontando que as opressões de gênero e raça são indissociáveis. Desse modo, a intelectual antecipa algumas abordagens que hoje chamamos de interseccionalidade. Observamos isto quando ela associa o racismo, o sexismo e a exploração capitalista e quando articula as identidades de raça, gênero (este tratado à época como sexo) e classe (RIOS; RATTS, 2016, p. 389). Lélia Gonzáles (1980) analisava as categorias gênero, raça e classe, os fenômenos sociais de opressão: racismo, sexismo e segregação. E com isso articulava os movimentos sociais negro, feminista e LGBTQ+ (RIOS; RATTS, 2016, p. 395).

Em *mulheres, raça e classe*, obra de grande referência, a filósofa Angela Davis traduz o conceito de interseccionalidade antes da formulação do termo. A obra debate sobre o trabalho doméstico e as opressões de classe, raça e gênero contra as mulheres negras. Além disso, debate como os homens negros sofrem a consequência de raça-sexo. Desse modo, Davis (2016) nos permite enxergar o *modus operandi* das diversas opressões, analisando como se combinam e entrecruzam para sustentar dominação de classe, raça e gênero. A ilustre obra é uma grande referência, pois a filósofa discute movimento abolicionista, o movimento sufragista e o racismo presente nesse movimento, o movimento antiescravagista, a luta pelos direitos das mulheres

negras, o legado e as reminiscências da escravidão. Angela Davis (2016) se torna, assim, articuladora do pensamento interseccional.

Mulher negra, lésbica, poeta e mãe Audre Lorde reflete a respeito dos lugares sociais aos quais ela pertence. Lorde (2009, p. 06) salienta: “a partir da minha participação em todos esses grupos eu aprendi que opressão e intolerância em relação à diferença vêm em todos os tamanhos e formas e cores e sexualidades⁴”.

Do mesmo modo, Audre Lorde (2009), antes do surgimento do conceito interseccional, abordava sobre as relações de gênero, raça e sexualidade. A autora, sendo uma mulher negra e lésbica, via-se em inúmeras encruzilhadas. Já que, na comunidade negra da época, era vista apenas como uma lésbica. Nos movimentos lésbicos, negra. Logo, a intelectual passa a compreender que não se pode hierarquizar opressões, uma vez que qualquer ataque a um grupo marginalizado atinge a todos os grupos que são socialmente oprimidos. Em outras palavras, não se pode ignorar as diferenças de raça, orientação sexual, classe e idade. No entanto, essas diferenças não podem ser hierarquizadas, somadas ou serem contrastadas, pois, operam em conjunto. “Não há hierarquias de opressão” (LORDE, 2009, p. 07).

Patricia Hill Collins (2017) mapeia as Origens do Movimento Social de Interseccionalidade, especificamente, nos Estados Unidos. Segundo a autora, a interseccionalidade está relacionada às “políticas feministas negras dos anos 1960 e 1970 nos Estados Unidos” (COLLINS, 2017, p. 02). Além disso, a autora apresenta como pioneiro da Interseccionalidade a antologia de ensaios, poemas e histórias de mulheres negras “o volume editado por Toni Cade Bambara nos anos 1970, *The Black Woman*” (COLLINS, 2017, p. 02). Collins evidencia que é tentador atribuir o surgimento da interseccionalidade apenas as mulheres afro-americanas, ou melhor, estadunidenses.

Nesse sentido, sem depreciar a importância dos movimentos feministas nos Estados Unidos, Patricia Hill Collins evidencia os feminismos em diversos contextos sociais como na América Latina, citando a importância do trabalho de Gloria Anzaldúa que nasceu nos Estados Unidos, mas que é filha de mexicanos. Evidentemente, faltou a

⁴ Texto *Não há hierarquias de opressão* publicado na coletânea denominada de *Textos escolhidos de Audre Lorde*.

Collins citar autoras brasileiras como Lélia Gonzales e Sueli Carneiro, importantes nomes do feminismo negro na América Latina.

Para Patrícia Hill Collins (2017), Crenshaw foi fundamental ao campo ao cunhar o conceito de interseccionalidade, mas que atribuir esse título apenas a essa autora negligencia “escritos de muitas outras pessoas que vieram antes de Crenshaw, como faz interpretações equivocadas dos argumentos da autora” (COLLINS, 2017, p. 04). No entanto, é evidente que o trabalho de Crenshaw desafiou as normas acadêmicas. Collins (2017), também salienta que a interseccionalidade se expandiu ao longo dos anos de 1990 e 2000 na academia ganhando aceitação em muitos campos de estudos, desencadeando um crescimento significativo no século 21. A interseccionalidade abriga um vasto e interdisciplinar campo de estudos, sendo aplicada em várias disciplinas como sociologia, psicologia, economia, ciência política e saúde pública. Dessa forma, no presente trabalho, a interseccionalidade é entrelaçada às vivências do negro no Brasil e representada na literatura, especificamente, a Literatura Negro-Brasileira.

Para Carla Akotirene (2018), a interseccionalidade é uma sensibilidade analítica, pensada por feministas negras, cujas experiências e reivindicações intelectuais eram inobservadas tanto pelo feminismo branco quanto pelo movimento antirracista dos homens negros (AKOTIRENE, 2018, p. 13). Cunhado por Kimberlé Crenshaw, a Interseccionalidade visa dar “instrumentalidade teórico-metodológica à inseparabilidade estrutural do racismo, capitalismo e cisheteropatriarcado” (AKOTIRENE, 2018, p. 14).

Nesse sistema interligado de opressões, as mulheres negras são atingidas pelo cruzamento de gênero, raça e classe. A interseccionalidade nos permite enxergar a inseparabilidade dessas estruturas e como essas opressões interagem conjuntamente para subalternizar as mulheres negras na sociedade. Já que, o feminismo proposto por mulheres brancas não contempla a negritude e as pautas do movimento negro não contemplava as mulheres, a mulher negra via-se nesse entrelugar, em uma encruzilhada.

O Feminismo Negro, desde sua gênese, trabalha para romper com os estereótipos de gênero, raça e classe social. Segundo Akotirene (2018, p. 22), “há mais de 150 anos, as mulheres negras invocam a interseccionalidade e a solidariedade política entre os Outros”. Dessa forma, criticando simultaneamente o racismo do movimento feminista e o machismo presente na comunidade negra.

A interseccionalidade pensa metodologicamente a estrutura de raça, gênero, sexualidade, nação e classe, visando romper com as barreiras do colonialismo, imperialismo e epistemicídio. Akotirene (2018, p. 32) salienta que “a interseccionalidade sugere que raça traga subsídios de classe-gênero e esteja em um patamar de igualdade analítica”.

É importante frisar que todo debate interseccional deve analisar raça, pois não há interseccionalidade se não houver a pauta antirracista. Isso porque, como alerta a autora, “a matriz de opressão europeia tem procurado retirar os racismos ocidentais do foco usando a interseccionalidade para cruzar gênero-nação-sexualidade de modo a expor quão desempoderadas são as mulheres terceiro mundistas” (AKOTIRENE, 2018, p. 35). Portanto, raça é uma categoria imprescindível para a interseccionalidade.

A metodologia interseccional impede “aforismos matemáticos hierarquizantes ou comparativos” (AKOTIRENE, 2018, p. 38). Não há uma soma de opressões, e sim, um conjunto que opera estruturalmente para subalternizar os grupos racialmente minorizados. Logo, não se soma identidades, analisa-se as condições estruturais que atravessam os corpos. Assim, a interseccionalidade nos permite, a partir dos entrecruzamentos raciais, capitalistas e cisheteropatriarcais, evidenciar quais sujeitos são realmente atingidos pelas matrizes de opressões.

Ademais, quando nos referirmos à interseccionalidade, é importante salientar que essa é uma sugestão das feministas negras. Desse modo, nunca dizemos feminismo interseccional, e sim, Feminismo Negro entendendo a interseccionalidade como parte disso. “[...] O Feminismo Negro substituído por feminismo interseccional equivale explorar a riqueza intelectual de África e chamar isso de modernidade” (AKOTIRENE, 2018, p. 46). No mais, é fundamental mencionar a interseccionalidade como sugestão das feministas negras, ao invés de dizer feminismo interseccional, apagando o termo negro, bem como a ressignificação que essa nomenclatura carrega.

Diante disso, a interseccionalidade nos serve como noção teórico-crítica, um instrumento para textos de autoria negra, visto que busca entrelaçar questões que antes foram invisibilizadas e, além disso, permite análises mais precisas a respeito da verossimilhança com as questões sociais. A literatura nacional, desde sua gênese, é embranquecida e até mesmo autores negros, como Machado de Assis, também o foram.

Com relação a obra *Ponciá Vicêncio*, a interseccionalidade é bastante demarcada na narrativa. Ponciá via os seus trabalharem e nunca progredirem financeiramente. Via o seu pai, ainda que liberto, trabalhar excessivamente na “terra dos brancos”. Bem como, o seu irmão mesmo sendo apenas um menino. O pai de Ponciá, José Vicêncio, morre durante o trabalho sem poder deixar nada para família, apenas saudades e lamentos. Vendo todos em sua comunidade trabalharem e nunca terem progresso, ela deseja “traçar outros caminhos” (EVARISTO, 2003, p. 33).

Aos dezenove anos decide repentinamente ir para a cidade em busca de melhores condições de vida para si e sua família. Ainda que jovem, estava cansada de tudo ali. Cansada de ver os seus trabalharem e voltarem de mãos vazias. Até mesmo aqueles que tinham plantações próprias, ao colher, tudo deveria ser dividido com os coronéis. “Cansada da luta insana, sem glória a que todos se entregavam para amanhecer cada dia mais pobres, enquanto alguns conseguiam enriquecer-se todo dia. Ela acreditava que poderia traçar outros caminhos, inventar uma nova vida” (EVARISTO, 2003, p. 33).

O povo negro sempre buscou formas de resistência para ir de encontro a condição subumana a que foram submetidos. A morte era uma delas. Vô Vicêncio, após ver seus filhos “libertos” serem vendidos, busca a morte como meio de resistir à escravidão. Atualmente o capitalismo obriga a população negra a deslocar-se em busca de condições melhores, o que não ocorre, uma vez que em um país estruturalmente racista como o Brasil, não importa em que região estejamos ou que cargo ocupemos.

Assim como Vô Vicêncio que tenta fugir da escravidão, Ponciá busca fugir das reminiscências da escravidão. A jovem mulher não obteve apoio da família e nem da comunidade, já que outras pessoas haviam tentado, mas não conseguiram. Eram muitas as histórias infelizes. “Ponciá Vicêncio não entendia por que no povoado as pessoas temiam tanto a cidade. Algumas pessoas saíam e ficavam bem; entretanto, eles só relembavam, só repetiam os casos infelizes, as histórias de fracasso” (EVARISTO, 2003, p. 36). Mesmo sem incentivo, ela não se importou e foi em busca de novos caminhos. Tinha a esperança de que o caso dela seria diferente, “o caso dela, quando voltasse para buscar os seus, haveria de ser uma história de final feliz” (EVARISTO, 2003, p. 37). Segundo Neusa Souza (1983, p. 23),

O meio negro se dividia em: de um lado ficavam aqueles que se conformavam com a “vida de negro” e do outro os que ousavam romper com o paralelismo negro/miséria. Uns e outros hostilizavam-se reciprocamente. [...] Assim, o negro que conseguia romper com todas estas barreiras e ascender, tornava-se exceção.

A protagonista, desejava se tornar essa exceção. Queria ascender socialmente para ajudar sua mãe e irmão. Ponciá tinha apenas dois desejos: comprar uma casinha e voltar para buscá-los. Com esse propósito, precisou se afastar de sua comunidade e do meio negro. Ao chegar à cidade, sente arrependimento. Desembarcou em seu novo destino sozinha, sem apoio, não encontra abrigo nem ninguém que pudesse ajudá-la. Passa a primeira noite na rua, na porta da igreja, e no dia seguinte mistura-se em meio aos pedintes para procurar emprego. Para isso,

[...] escolheu uma mulher de certa idade, que se parecia com sua mãe, para poder exercitar o treino de abordagem na solicitação de trabalho. A pedinte olhou para Ponciá e sorriu, dizendo que não tinha trabalho nenhum para oferecer a moça, mas, se quisesse, poderiam pedir esmolas juntas (EVARISTO, 2003, p. 42).

A protagonista procurou uma identificação, alguém semelhante a ela, um rosto conhecido e só o encontrou ali, na mesma situação de miserabilidade. Isso porque a mulher negra é “objeto de tripla discriminação, uma vez que os estereótipos gerados pelo racismo e pelo sexismo a colocam no nível mais alto de opressão” (GONZÁLES, 2020, p. 50).

Em seguida, aborda mulheres em busca de uma oportunidade e, na última tentativa, felizmente, consegue emprego como empregada doméstica. Segundo Lélia Gonzáles (2020, p. 50), “as possibilidades de ascensão a determinados setores da classe média têm sido praticamente nulas para a maioria da população negra”. Para a mulher negra a falta de perspectiva e alternativas se intensificam.

Ponciá migra para cidade acreditando que teria melhores oportunidades, no entanto, se depara com desigualdades ainda mais latentes. No interior, a terra era dos brancos, na cidade tudo é dos brancos. Ponciá vive em uma realidade em que sua identidade foi negada, seu povo explorado e sua subjetividade arrancada. Desejou estar no trem, na estrada de volta. “Escondeu o rosto sobre a trouxa que estava no colo e bem

baixo, quase silenciosamente, quase escondeu o rosto sobre a trouxa que estava no colo e bem baixo, quase silenciosamente, quase escondida de si própria, chorou” (EVARISTO, 2003, p. 41). Ponciá sentia o desejo de não repetir a história dos seus, mas ao chegar na cidade vê-se perdida. Uma vez que, “[...] a história de ascensão social do negro é uma assimilação aos padrões brancos” (SOUZA, 1983, p. 23).

Ponciá, ao longo de sua jornada na cidade, não se assimila aos padrões brancos. Ao invés disso, adquire ainda mais consciência das opressões estruturais que acometem a população negra. Além disso, as intersecções de raça, gênero e classe foram fatores determinantes para as condições psíquicas que acometem a personagem. Ela buscou encontrar caminhos em uma sociedade branca, “[...] de classe e ideologia dominantes brancas. De estética e comportamentos brancos. De exigências e expectativas brancas” (SOUZA, 1983, p. 17). Depois, ao se deparar ainda mais com as desigualdades e longe de suas raízes, por não conseguir alcançar esse ideal, Ponciá sucumbe.

A personagem não consegue concretizar seu desejo. Depois de um longo tempo, “quando Ponciá Vicêncio, depois de muitos anos de trabalho, consegue comprar um quartinho na periferia da cidade, retornou ao povoado” (EVARISTO, 2003, p. 48). No entanto, não era uma casa, era um quartinho. E ao retornar ela não encontra a mãe e nem o irmão. O sonho de Ponciá, na cidade, não se realiza.

Por conta desses percalços enfrentados, para ela, não valeu a pena afastar-se de sua terra. “O que acontecera com os sonhos tão certos de uma vida melhor? Não eram somente sonhos, eram certezas! Certezas que haviam sido esvaziadas no momento em que perdera o contato com os seus. E agora feito morta-viva, vivia” (EVARISTO, 2003, p. 34).

Ao contrário de sua irmã que queria uma casinha e a família por perto, Luandi desejava “[...] ter a voz alta e forte como a dos brancos” (EVARISTO, 2003, p. 71). Nesse sentido, conforme Souza (1983), devido à estrutura de desigualdade racial do Brasil, “o negro tomou o branco como modelo de identificação, como única possibilidade de ‘torna-se gente’” (SOUZA, 1983, p. 18). Destarte, foi para a cidade à procura da irmã, mas no meio do caminho acaba perdendo o endereço e passa anos procurando por ela. Chegou à cidade sozinho também e seu primeiro dia fora da roça foi difícil assim como o da irmã. “[...] ‘Para que que vim pra cidade?’, perguntou-se entre

os dentes, resmungando, como era hábito de seu pai. ‘Para que eu vim pra a cidade?’, se perguntou novamente. Achar. Achar minha irmã, juntar dinheiro e ficar rico” (EVARISTO, 2003, p. 69).

Por dormir na estação e estar com um canivete no bolso, Luandi foi preso. Mas não teve medo, estava surpreso por ter encontrado um soldado negro. “[...] Estava feliz. Acabava de fazer uma descoberta. A cidade era mesmo melhor do que a roça. Ali estava a prova. O soldado negro! Ah! Que beleza! Na cidade, negro também mandava!” (EVARISTO, 2003, p. 70). Logo encontrou apoio e alguém para guiá-lo, Soldado Nestor, que era negro e soldado. Assim, Luandi deseja tornar-se soldado também.

Por meio do Soldado Nestor, conseguiu um emprego na delegacia. Mas ainda não era como soldado, pois não sabia ler. Luandi passa a acreditar que na cidade não existia sofrimento, diferente de Ponciá, acreditava que o tempo de escravidão não mais existia. “Na cidade todos eram iguais. Havia até soldados negros” (EVARISTO, 2003, p. 73). Além de ser soldado, deseja voltar à vila para buscar a mãe e encontrar a irmã. Luandi dormia na delegacia e quando o soldado e o delegado brancos não estavam, Soldado Nestor o ensinava a ler. Existia entre os dois uma irmandade.

Nêgua Kainda, ancestral conhecida na Vila Vicêncio por seus mistérios e conselhos sábios, alertou a Luandi sobre o desejo do rapaz em ser soldado.

[...] De que valeria mandar tanto, se sozinho? Se a voz de Luandi não fosse eco encompridado de outras vozes-irmãs sofridas, a fala dele nem no deserto cairia. Poderia, sim, ser peia, areia nos olhos dele, chicote que ele levantaria contra os corpos dos seus (EVARISTO, 2003, p. 94).

A ancestral estava ensinando que a ascensão que Luandi José Vicêncio buscava de nada valeria se não fosse um eco. Além disso, o meio que o jovem rapaz encontrou para ascender socialmente era ainda pior, ser policial negro em um país extremamente racista como o Brasil, só desencadearia ainda mais opressão. Dele para com os seus iguais. Sairia de escravizado para capitão do mato, não compreendendo que ambos são vistos da mesma forma pela estrutura racista. Naquele momento, Luandi rejeitou o conselho da ancestral, estava decidido, seria soldado. Depois de um tempo, Luandi torna-se soldado. O sonho de ascensão dele se realiza.

[...] Vestiu o uniforme que ressentia novo e calçou as botinas. Os pés, os dedos já obedientes, acostumados ao calçado anterior, deslizaram macios. Ajeitou-se bonito. Lembrou-se de Nêngua Kainda. A mãe lhe havia dito que a velha já tinha ido. Sentiu um ligeiro arrepio e saiu quase marchando para inaugurar a nova vida (EVARISTO, 2003, p. 122).

Luandi acreditava que tudo seria mais fácil, pois agora ele podia “mandar como os brancos”. Acreditava que agora seria respeitado por todos. No entanto, depois de reencontrar a irmã desorientada na estação de trem, ele percebeu que tanto ele, quanto Nestor apenas cumpriam ordens e não tinham poder algum. “Ele, que levava tanto tempo desejando a condição de ser soldado, em poucos minutos escolhia desfazer-se dela” (EVARISTO, 2003, p. 126). Ao ver que a irmã não conseguiu realizar o desejo que tinha e estava à beira da loucura, Luandi descobriu “[...] que sua vida, um grão de areia lá no fundo do rio, só tomaria corpo, só engrandeceria, se se tronasse matéria argamassa de outras vidas” (EVARISTO, 2003, p. 127).

Ponciá Vicêncio é a personagem principal, mas Luandi também é bastante significativo. Por meio das comparações entre os dois, torna-se perceptível o teor interseccional que a obra carrega. Assim, podemos enxergar como as relações de raça, gênero e classe estão entranhadas na narrativa. Luandi encontrou irmandade, possibilidade de ascender socialmente, tinha um sonho e conseguiu realizar, mas escolheu seguir outro caminho. Nesse sentido, ele teve escolha e possibilidade de ascensão.

Enquanto Ponciá não teve possibilidade alguma. Não conseguiu realizar seu sonho, sofreu violência doméstica e quase enlouqueceu. Isso porque a intersecção entre raça, gênero e classe dificultam as chances de sucesso das mulheres negras. Ponciá tinha apenas um sonho: uma casa, um marido e sua família por perto. Consegue apenas um quartinho, um marido violento e sua família dispersa a sua procura. Segundo Carla Akotirene (2018), “a interseccionalidade nos mostra como e quando mulheres negras são discriminadas e estão muitas vezes posicionadas em avenidas identitárias, que farão delas vulneráveis à colisão das estruturas e fluxos modernos” (AKOTIRENE, 2018, p. 58).

Na narrativa, há cinco personagens mulheres, Maria Vicêncio, mãe de Ponciá, que sofre com a ausência dos filhos e a morte repentina do marido, Bilisa, jovem do interior que muda para cidade buscando uma condição melhor de vida, porém, sofre com violência sendo roubada na casa das pessoas para quem trabalhava, com isso, acaba virando garota de programa e é assassinada.

Ponciá, personagem principal da obra, enlouquece na cidade sendo acometida pelo racismo, classicismo e violência doméstica e não consegue realizar o sonho que tinha. Nêgua Kainda, griot da Vila Vicêncio, uma mulher sábia e, por fim, a avó de Ponciá, cujo nome não é citado e que foi morta por um surto do marido que, ao tentar fugir da escravidão, mata a esposa e em seguida mutila o próprio braço.

Todas essas personagens, mulheres negras, têm em seus caminhos vivências trágicas do racismo, sexismo e classicismo, opressões interseccionalizadas. O sonho de Ponciá era semelhante ao sonho de Bilisa. Uma foi morta, a outra beira à loucura. Dos seis, Vô Vicêncio, José Vicêncio, Negro Climério, Soldado Nestor, Luandi e o marido de Ponciá, personagens homens negros citados na narrativa, dois conseguem realizar o que almejavam, Luandi e Nestor.

Na obra de Conceição Evaristo, a interseccionalidade e a escrevivência se constroem no texto literário. O texto literário, o enredo, é quem pede a interseccionalidade, pois, ao analisar teoricamente o texto literário da autora, é notória a urgência de uma noção que nos possibilite analisar as diversas facetas desse texto. A interseccionalidade se constrói no texto surgindo como uma demanda literária para analisar o texto de autoras negras.

De onde floresce a escrita que sangra: considerações finais

Além da interseccionalidade construída no texto literário, outra noção que nos serve como instrumento para analisar a obra é a escrevivência. No final do conto “A gente combinamos de não morrer”, presente no livro *Olhos d’água*, nos diz que “escrever é uma maneira de sangrar” (EVARISTO, 2016, p. 109). Isso porque, a escrevivência não reflete a vivência de um sujeito, e, sim, de uma coletividade.

A escrevivência é uma das singularidades literárias da contista, poeta e romancista Conceição Evaristo. Em suas obras, realidade e ficção se fundem, se

entrelaçam, e em seus escritos, o manuseio da arte e da vida são tecidos num só ato. Para Audre Lorde (2020), é da experiência que surge a poesia. A poesia, para Lorde (2020, p. 47), não é só um jogo de palavras, é a destilação da experiência. “Para as mulheres, então, a poesia não é um luxo. É uma necessidade vital de nossa existência”.

Esse manuseio da arte-vida é narrado no romance *Ponciá Vicêncio* (2003). Nessa obra, a personagem vive um processo de construção da identidade em que as análises dialogam com o viés diaspórico e interseccional. Ponciá busca, de maneira incansável, sua identidade. Esse processo é tão agonizante que a personagem grita o seu nome na beira do rio e não se reconhece, não sente que o nome Vicêncio pertence a ela.

De modo geral, a escrevivência é a escrita que nasce do cotidiano, das experiências e lembranças individuais e coletivas, sobretudo, das vivências coletivas. A escrevivência é a escrita que nasce das vivências, é narrar o que se vive. Em suma, a escrevivência é o ouvir, o viver, o observar, o narrar as experiências e ficcionalizar. É um trabalho de escuta, de vivência e de escrita.

Nesse sentido, o conceito de escrevivência se distancia da ideia de narrador, visto que, para Walter Benjamin (1994, p. 201), “o narrador retira da experiência o que ele conta: sua própria experiência ou a relatada pelos outros. E incorpora as coisas narradas à experiência dos seus ouvintes”. Silviano Santiago, em *Nas malhas da letra* (2002), no capítulo *O narrador pós-moderno*, pontua questões básicas sobre as características do narrador pós-moderno. Santiago (2002, p. 44), questiona: “quem narra uma história é quem a experimenta, ou quem a vê? Ou seja: é aquele que narra ações a partir da experiência que tem delas, ou é aquele que narra ações a partir de um conhecimento que passou a ter delas por tê-las observado em outro?”. A escrevivência vai além da dicotomia experimentar/ver, pois experimenta, vive, ouve e ficcionaliza. Segundo Santiago (2002), no primeiro caso o narrador transmite uma vivência e no segundo passa uma informação sobre outra pessoa. O narrador pós-moderno é aquele que quer extrair a si da ação narrada, em atitude semelhante à de um repórter ou espectador. Ainda, conforme Santiago (2002, p.45), “ele não narra enquanto atuante”. Logo, a escrevivência se distancia dessas concepções a respeito do texto narrativo.

De onde surge? Como foi pensada a escrevivência? O texto *Da grafia-desenho de minha mãe, um dos lugares de nascimento de minha escrita* (2005), de Conceição

Evaristo, nos dá uma pista de como pode ter surgido a ideia de escrevivência que se tornou um instrumento analítico e metodológico amplamente difundido. A escrita aparece para autora no cotidiano da sua infância. Das grafias de sua mãe e a partir da realidade em que vivia, a autora descobre “[...] a função, a urgência, a dor, a necessidade e a esperança da escrita. É preciso comprometer a vida com a escrita ou é o inverso? Comprometer a escrita com a vida?” (EVARISTO, 2005, p. 01).

A autora salienta que a gênese de sua escrita está em tudo que ela ouviu desde a infância, nas palavras, nas histórias e, assim, cresceu colhendo palavras. Conceição Evaristo e a escrevivência rompem com o silenciamento imposto ao povo negro. Escrever, nesse sentido, é insubordinação, insubmissão.

Na literatura de Conceição Evaristo, a memória é tecida poeticamente misturando realidade e imaginação. Nessa tecitura, tudo pode virar literatura, as vivências tornam-se figuras poéticas. Desses retalhos mnemônicos nascem as personagens. Ponciá Vicêncio é uma delas que, por meio de suas andanças, faz ecoar as vozes e as dores do povo negro. As memórias, em tempo circular, não linear costuram esse ir e vir entre presente e passado. Tom Farias (2020), salienta que nas obras de Conceição Evaristo, “a memória é o fio condutor dos “causos” que conta, sejam nas lembranças da família ou nos textos em prosa, espécie de palimpsesto, que acompanha os seus passos como que escrito sobre sua pele negra” (FARIAS, 2020, p. 78). Assim, escrita e vida se con(fundem), se misturam.

O conceito de escrevivência vem sendo amplamente utilizado em diversas áreas do saber. Ultrapassa a literatura, pois – assim como a interseccionalidade – passa a ser utilizado como instrumento analítico e metodológico, evidenciando as vivências e evocando uma prática de produção de conhecimento que surge não só a partir da individualidade, mas também da coletividade.

Por meio da escrevivência, as nossas histórias se (con)fundem com aquelas que estamos lendo. E para quem escreve, nossas escritas também se fundem a de outras autoras. Ponciá, por exemplo, ecoou sobre minha vida de modo que encontrei semelhanças entre a personagem e minha mãe. É dessa forma que a escrita de nós⁵ se configura, a escrevivência.

⁵Termo citado no livro *Escrevivência: a escrita de nós - Reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo*.

Ao pensar sobre o termo *escrevivência*, Conceição Evaristo, no livro *Escrevivência: a escrita de nós - Reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo* (2020), pontua que “a imagem fundante do termo é a figura da Mãe Preta, aquela que vivia a sua condição de escravizada dentro da casa-grande” (EVARISTO, 2020, p. 29). Isso porque, além de todos os afazeres e castigos perversos a que os escravizados eram submetidos, ainda precisavam cumprir a tarefa de contar histórias para adormecer a casa-grande. Essa era mais uma função da mãe preta, contar histórias de ninar para os futuros escravizadores. Resgatando essa imagem a autora encontrou a “força motriz para conceber, pensar, falar e desejar e ampliar a semântica do termo” (EVARISTO, 2020, p. 30). Assim,

Escrevivência, em sua concepção inicial, se realiza como um ato de escrita das mulheres negras, como uma ação que pretende borrar, desfazer uma imagem do passado, em que o corpo-voz de mulheres negras escravizadas tinha sua potência de emissão também sob o controle dos escravocratas, homens, mulheres e até crianças (EVARISTO, 2020, p. 30).

A *escrevivência* é, portanto, rasura não só na literatura, mas também na história. A nossa *escrevivência* traz as nossas experiências diaspóricas enquanto povo negro. Enquanto mulher negra, leitora e pesquisadora, vejo que a *escrevivência* me faz sentir pertencente a algum lugar. Ao ler obras de autores negros, me descobri autora também e aprendi que minhas vivências também podem ser literatura, também podem ser poesia. Como professora, ao apresentar para os meus alunos os autores negros, vejo nos olhares adolescentes o vislumbre vívido, o desejo para aprender mais, a ânsia para que eu recite os poemas. É isso que a *escrevivência* nos proporciona, o manuseio da arte-vida.

A *escrevivência* insere nossas histórias no mundo. A *escrevivência* não se configura como escrita de si, porque não é apenas individual, é coletiva “[...] se amplia e, sem sair de si, colhe vidas, histórias do entorno. E por isso é uma escrita que não se esgota em si, mas, aprofunda, amplia, abarca a história de uma coletividade. Não se restringe, pois, a uma escrita de si, a uma pintura de si” (EVARISTO, 2020, p. 35). Portanto, a *escrevivência*, como já mencionado, é a escrita de nós que é passada ao campo da literatura por meio do trabalho intelectual com a linguagem e escrita.

Segundo Maria Nazareth Soares Fonseca (2020, p. 63), a “escrevivência passa então a se constituir como um termo-conceito que legitima a construção de estratégias semelhantes às percebidas por Deleuze e Guattari (1977) como próprias de uma literatura que precisa furar o cerco de intolerância que a reprime”. No entanto, já que vem sendo aplicado para além das obras de Conceição Evaristo e também em outras áreas do conhecimento, além da literária, a escrevivência passa a se reconfigurar como conceito, porém ainda em construção.

Apesar da amplitude em que o conceito vem sendo aplicado, para melhor defini-lo, acredito que o caminho mais propício nesse momento de construção é estabelecê-lo como conceito literário que demarca no texto e na escrita literária as experiências de raça de modo interseccional. Ainda que esteja em construção, o termo já tem uma dimensão histórica por subverter e rasurar a literatura brasileira, por movimentar teóricos, críticos e escritores, por nos fazer questionar e pensar a literatura de outras formas.

É evidente que a escrevivência se desencadeia na literatura de autores (as) negros (as). “Escrevivência torna-se uma estratégia escritural que almeja dar corporeidade a vivências inscritas na oralidade ou a experiências concretas de vidas negras que motivam a escrita literária” (FONSECA, 2020, p. 66). O romance *Ponciá Vicêncio* ecoa as vivências do povo negro durante e depois da escravização. A crise identitária com o sobrenome Vicêncio, marca da colonização, as opressões sofridas pelos negros na Vila Vicêncio e nas favelas, a discriminação de gênero e de classe, a falta de escolarização do pai e do irmão, o trabalho artístico com o barro, ofício que aprendeu com a mãe, e as referências à religiosidade afro-brasileira, fazem jus ao conceito e demarcam o lugar da escrita que emerge desse corpo-mulher-negra em vivência.

Nos últimos parágrafos do romance, há um aspecto metaliterário em que a escrevivência se evidencia. Esses três últimos parágrafos revelam a relação da obra com a vivência da escritora, uma vez que relatam o processo de escrita e de criação artística

Todo cuidado Ponciá Vicêncio punha nesse imaginário ato de fazer. O zelo da arte, atentava para as porções das sobras, a massa excedente, assim como buscava ainda significar as mutilações e as ausências que

também conformam o corpo. Suas mãos seguiam reinventando sempre e sempre (EVARISTO, 2003, p. 127).

O zelo com a arte, o reinventar, a busca por significar as mutilações e ausências são características singulares da escritora, é a escrevivência. A escrita se constrói a partir das vivências coletivas e individuais que marcam a condição da mulher negra na sociedade brasileira. Toda a narrativa, desde a escolha temática, o vocabulário e os personagens, está ligada à vivência do povo negro. “E quando interrompia o manuseio da arte, era como se perseguisse o manuseio da vida, buscando fundir tudo num ato só, igualando as faces da moeda” (EVARISTO, 2003, p. 127).

É a vivência como sumo da escrita. Ponciá é a herança de seus ancestrais, o elo entre o passado, o presente e o futuro. “O desfecho do livro traz, além do reencontro dos três, o encontro de Ponciá consigo e com o cumprimento de sua herança ancestral, junto do rio, do arco-íris e do barro” (ARRUDA, 2007, p. 03). A personagem retorna para as águas do rio, águas da senhora de ouro. Desse modo, tudo começa e termina nas águas doces de oxum. Ponciá traçou o seu destino, reencontrou sua memória e herança junto aos seus, onde jamais se perderá. É pena que o livro se encerre neste ponto – o da ação consciente junto às raízes.

A lacuna de Ponciá, portanto, não pode ser preenchida somente por meio da reminiscência (a não ação), no sentido de que muitos dos fatos são desconhecidos e de que o tempo não volta, ainda que ela se banhe novamente no rio pelo qual anseia. Apesar disso, por mais que o livro nos pareça apontar para a pura repetição histórica de fracasso (daí a reiteração do número sete, que simboliza o início e o fim, um retorno, uma circularidade) e de determinismo pessimista, esse retorno de Ponciá Vicêncio aponta para um reinício, pois o *sete* simboliza também uma perfeição ligada à ideia de repetição.

Somente por meio de sua arte (a modelagem) e em seu próprio tempo, terá, a protagonista de construir, ela própria, sua identidade, por mais que possa correr o risco de trilhar os mesmos erros dos antepassados. Para ela, não havia futuro porque não havia presente, pois estava presa às lembranças. O futuro é o presente que se vai tecendo (ou modelando). O presente da protagonista é imperfeito e ainda carregado das

consequências pretéritas, mas somente no presente a mulher que ela é se constrói a partir do barro de sua terra em busca da perfectibilidade.

Ao voltar à sua vila, afasta-se, em certo sentido, da terra dos ancestrais (a África) e da dor pretérita da escravidão e, mesmo que de forma enviesada, metonímica e ainda sofrida, abraça sua autônoma brasilidade enunciativa de uma história que se inicia com seu modelar, para a personagem, e de seu contar, para a autora e do se reconhecer para leitores como nós que concluímos a leitura do romance de Conceição Evaristo. O final de Ponciá nos indica, pois, um recomeço, esperança e um futuro de novas possibilidades para nós.

Na seção *Interseccionando gênero, raça e classe na literatura*, tracemos um pouco percurso histórico da interseccionalidade, além de tecer considerações sobre ascensão social do negro e como isso está presente na obra por meio das personagens Luandi e Ponciá Vicêncio. Nessa seção o intuito foi, além de abordar a história da interseccionalidade, evidenciar como para a mulher negra as chances de ascensão social são ainda menores, já que, somos atingidas pela opressão de raça atreladas as de gênero, classe e outras intersecções. Na seção seguinte *De onde floresce a escrita que sangra: considerações finais* foram feitas considerações a respeito da escrevivência, do surgimento do termo e da sua difusão até se tornar um conceito em construção. Além do mais, refletimos sobre as singularidades que a escrevivência proporciona à obra Ponciá Vicêncio.

Referências

ARRUDA, Aline Alves. *Ponciá Vicêncio, de Conceição Evaristo: um bildungsroman feminino e negro*. 2007, 106f. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte.

AKOTIRENE, Carla. *O que é interseccionalidade?* Belo Horizonte: Letramento: Justificando, 2018.

BENJAMIN, W. O narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: BENJAMIN, W. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 7. ed., 1994.

COLLINS, Patricia Hill. Se perdeu na tradução? Feminismo negro, interseccionalidade e política emancipatória. *Parágrafo*. jan./jun., 2017. V. 5, nº1, 2017.

CRENSHAW, Kimberlé. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. *Revista Estudos Feministas*, vol.10, n.1, p.171-188. 2002.

DAVIS, ÂNGELA. *Mulheres, raça e classe*. Tradução de Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo, 2016.

EVARISTO, Conceição. *Ponciá Vicêncio*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2003.

EVARISTO, Conceição. A gente combinamos de não morrer. In: EVARISTO, Conceição. *Olhos d'Água*. Rio de Janeiro: Pallas: Fundação Biblioteca Nacional, 2016.

EVARISTO, Conceição. *Da grafia-desenho de minha mãe um dos lugares de nascimento de minha escrita*, ago. 2005. Disponível em: <http://revistazcultural.pacc.ufrj.br/da-grafia-desenho-de-minha-mae-um-dos-lugares-de-nascimento-de-minha-escrita/> Acesso em: 15 de dezembro de 2022.

EVARISTO, Conceição. Da grafia-desenho de minha mãe, um dos lugares de nascimento de minha escrita. In: Duarte, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado (org.). *Escrevivência: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo*, Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020.

FARIAS, Tom. *Escritos negros: crítica e jornalismo literário*. Rio de Janeiro: Malê, 2020.

FONSECA, Maria Nazareth Soares. Escrevivência: sentidos em construção. In: Duarte, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado (org.). *Escrevivência: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo*. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020.

GONZALÉZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. *Revista Ciências Sociais Hoje*, 1984, p. 223-224. Disponível em: <https://ria.ufrn.br/jspui/handle/123456789/2298> Acesso em: 30 de fevereiro. 2023.

GONZALÉZ, Lélia. O lugar da mulher na sociedade brasileira. In: *O lugar da mulher: estudos sobre a condição feminina na sociedade atual*. Organização de Madel T. Luz. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1982.

GONZALÉZ, Lélia. *Por um feminismo afro-latino-americano*. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

LORDE, Audre. *Irmã outsider: ensaios e conferências*. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

Revista de Letras Norte@mentos

347

Dossiê "As escrevivências de Conceição Evaristo: as mulheres negras no centro das narrativas", Sinop, v. 16, n. 44, p. 328-348, jul. 2023.

LORDE, Audre. Não existe hierarquia de opressão. *In: Textos escolhidos de Audre Lorde*. Difusão Herética: edições lesbofeministas independentes. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/nao-existe-hierarquia-de-opressao/> Acesso em 13 de janeiro de 2023.

RATTS, Alex & RIOS, Flávia. A perspectiva interseccional de Lélia Gonzalez. *In: CHALHOUB, Sidney; PINTO, Flavia Magalhães (Orgs.). Pensadores Negros-Pensadoras Negras do século XIX e XX*. Belo Horizonte: Traço Fino Ltda., 2016.

SANTIAGO, Silviano. *Nas malhas das letras: ensaios*. São Paulo: Rocco, 2002.

SOUZA, Neuza Santos. *Tornar-se negro: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1983. Coleção Tendências (v. 4).

TRUTH, Sojourner. *E não sou uma mulher?* Disponível em: <https://www.geledes.org.br/e-nao-sou-uma-mulher-sojourner-truth/> Acesso em 03 de dezembro de 2022.

Recebido em 03/05/2023

Aceito em 25/06/2023